

# O efeito das notas

(The footnote effect )

Fabio Akcelrud Durão<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

fabio@iel.unicamp.br

**Abstract:** This paper reviews five recent books on footnoting and annotation in literature and other forms of writing. After highlighting the centrality of this kind of marginal composition for literary debates from at least the seventeenth century onwards, and after pointing out its relevance for nonliterary genres, this paper concludes that at stake is nothing less than a new configuration of page itself.

**Keywords:** footnotes; annotation; literary history; the page.

**Resumo:** O presente trabalho comenta cinco livros da bibliografia recente acerca das notas de rodapé e da anotação na literatura e outras formas de escrita. Após mostrar a centralidade desse tipo de composição marginal para os debates literários a partir, pelo menos, do século XVII em diante, e após sublinhar sua relevância para gêneros não-literários, o ensaio conclui que o que está em jogo é uma nova configuração da própria noção de página.

**Palavras-chave:** notas de rodapé; anotação; história literária; a página.

Há uma estrutura espacial recorrente em Kafka – muito propícia para a adaptação cinematográfica – segundo a qual o personagem (e o leitor que o segue), ao adentrar um local fechado, perde a noção de sua exterioridade, que a escrita então apaga. Trata-se assim de um dentro que, por assim dizer, deglute seu fora. Algo semelhante ocorre após uma convivência demorada com a recente bibliografia sobre a anotação literária. Sem dúvida, trata-se de uma preocupação que não é nova, pois se estudo erudito a respeito das notas remonta a Michael Bernays (1892), já há algumas décadas vêm surgindo contribuições importantes sobre a prática da citação e da anotação, como, por exemplo, as de Antoine Compagnon (1979), Gérard Genette (1987) e Anthony Grafton (1998), bem como as reflexões de Jacques Derrida sobre o parergon. Porém foi apenas nos últimos anos que as margens da escrita tornaram-se um campo de investigação específico ao qual vale a pena chamar a atenção. Se o comentário abaixo está restrito a cinco obras, isso se deve mais a uma questão de espaço e relevância, do que disponibilidade de trabalhos de mérito. *Séditions Infrapaginales*, de Andréas Pfersmann (2011), é uma referência de relevo no campo, que sintetiza e sistematiza a escrita infrapaginal na literatura dos séculos XVII ao XXI. De fato, este é um livro que parece não pertencer ao nosso tempo. Com suas 536 páginas, com suas centenas de referências bibliográficas e de autores citados em diversas línguas, com sua vontade de real abrangência, enfim, o estudo, resultado de um trabalho de 30 anos, nada contra a corrente da atual tendência de americanização do modo de produção intelectual, uma época dos *fast food papers*, de livros cada vez menores, das coletâneas feitas para engordar o currículo. O estilo ao mesmo tempo elegante e conciso, erudito e agradável, também destoa de um momento no qual prevalecem os floreios conceituais sem substância e as construções neologísticas oportunistas.

Após uma espirituosa introdução sob a forma de diálogo, ele começa com uma incursão rapsódica sobre as notas na antiguidade. Como a essência da língua é a mudança, os textos sagrados não podiam prescindir de alguma espécie de anotação que lhes fixasse o sentido, mantendo-os inteligíveis para gerações futuras. Pfersmann, com razão, identifica nisso um dado de universalidade, pois fosse no Egito dos Faraós, na China dos mandarins, na Arábia dos sultões, na Judeia, ou nos mosteiros da Europa da Idade Média: onde houve escrita em uma *página*, houve anotação. E já aqui *Séditions* apresenta algo de interesse, porque o longo percurso traçado das notas infrapaginais testemunha um processo de dessacralização da palavra, de sua gradual conversão, ainda que historicamente irregular e assimétrica, de algo merecedor da maior reverência para um material absolutamente manipulável pelo espírito criativo – chegando até o ponto, como veremos, de questionar a forma-livro e de tornar a própria letra em objeto.

No entanto, para que as notas pudessem tornar-se parte de uma cultura do livro, foi necessária a invenção do codex, e posteriormente da prensa; é somente com esta última que se atinge o grau de circulação e publicidade que justificam as notas e que elas, por sua vez, reforçam. Observe-se que o livro de Pfersmann deixa clara a estreita relação entre anotação e a materialidade da escrita, ainda que não a investigue abrangentemente no presente. A questão da autoridade é um componente importante nesse processo, pois a função fundamental das notas na parte inicial de sua história foi a de conferir credibilidade àquilo a que se referiam. Modernidade e perda de autoridade notular vão de mãos dadas. Dois volumes são úteis para acompanhar a pré-história dos fenômenos estudados por Pfersmann são *Notes: Études sur l'annotation en littérature* (2008), editado por Jean-Claude Arnould e Claudine Poulouin, e o número 64 (printemps de 2008) da revista *Littératures Classiques*, organizado por Jacques Dürrenmatt. De forma geral, este último examina a transição de notas de autoridade escolástica para as retóricas, nos séculos XV e XVI. O modelo de anotação pré-renascentista não visava primordialmente a um julgamento do leitor, nem à mobilização de um texto exterior que viria a esclarecer uma determinada passagem; pelo contrário, ele tendia para uma repetição do texto, uma palavra, um conceito ou uma sentença, em sua margem: anotar era, portanto, em grande medida sinônimo de extrair. Foi com o gradual desenvolvimento da escrita peritextual, ao nomear suas fontes nas margens, ao dar a ler o trabalho de invenção do texto por longas citações, não traduzidas, mas reinventadas, que os autores como Josse Bade ou Jean Bouchet começavam a estabelecer o estatuto de sua própria voz autoral. É da autoridade escolástica mantida em margem, em latim e em prosa, que viria a nascer a liberdade de invenção vernácula e poética da ficção.

Se a nota do Renascimento era um elemento argumentativo vital da escrita, do qual os autores estavam plenamente conscientes, isso continuou sendo o caso dois séculos depois. Seria difícil sobrevalorizar a importância da perigrafia na Querela dos Antigos e dos Modernos, quando a anotação era ora atacada como intervenção inoportuna do autor, que se elevaria acima da obra que comenta, prejudicando assim a leitura, ora defendida como instrumento de democratização dos tesouros do passado. Além disso, a anotação desempenhava diferentes papéis em gêneros de escrita distintos. Para dar dois exemplos: na poesia religiosa do século XVII, a nota de autoridade não é um veículo da razão, mas um instrumento de defesa e de divulgação da norma do saber antigo diante do desenvolvimento do pensamento crítico moderno. A poesia anotada tentava dessa forma fixar um estado de pensamento: a musa didática deveria mostrar que o sentido cristalizado segundo a tradição era a expressão do consenso daqueles que as instituições humanas apresentavam

como os mais qualificados. Diferentemente do que se poderia pensar, a nota de autoridade não era aqui uma herdeira do passado; pelo contrário, tratava-se de uma forma utilizada para tentar remediar uma relação com os textos fundadores do cristianismo (a Bíblia e o País da Igreja) que se tornava cada vez mais complexa e problemática. Em segundo lugar, na escrita da história, já no século XVI, começava a moldar-se uma *démarche* de composição que se afastava da retórica. As notas eram assim o pivô de um embate entre duas concepções de historiografia, uma narrativa e sem anotação, parte das belas letras, que se baseava em um conhecimento dos antigos como algo que prescindia de verificação, e outra erudita, que crescentemente concebia o registro do passado como remetendo a um *fato*, cujas fontes deveriam ser citadas e explicitadas.

Dentre as várias ideias relevantes para este contexto no volume organizado por Arnould e Poulouin, vale ressaltar a caracterização da espacialidade da nota. Já na Idade Média evidencia-se uma noção clara de espacialização da página. Em uma tradução da *Consolation de La Philosophie*, de Boécio, há uma confusão entre a letra do texto e a da glosa; na falta de um sistema estabelecido, o que parece distinguir a tradução de seu comentário é menos o conteúdo do que é dito do que uma disposição visual heterogênea na página. No renascimento, por outro lado, a codificação do espaço do papel apresenta similaridades com a cartografia nascente, não apenas por causa de uma maior fixidez e geometrização da página, mas também porque o comentarista apropriar-se-ia ele mesmo do lugar infrapaginal. É a cristalização dessa organização espacial que permitirá toda uma série de fenômenos notulares, como as observações marginais jocosas de Erasmo em seus livros, a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Montesquieu nos manuscritos das *Pensées*, ou, mais tarde, na história editorial de *Émile*, de Rousseau. Uma vez consolidado o limite infrapaginal não haverá mais limites para a sua exploração.

Outro passo decisivo, e aqui voltamos ao livro de Pfersmann, foi o aparecimento, no horizonte de possibilidades da escrita literária, da autoanotação. É sem dúvida difícil precisar o instante exato no qual o fato de que um autor anotava a si mesmo deixou de causar espanto. É seguro, no entanto, dizer que no século XVII as regras de comentário autoral já estarão estabelecidas, mas é somente no século XVIII, quando gozam de plena vigência, que surgirá uma literatura propriamente notular, na qual o rodapé desempenha uma função formal imprescindível. Trata-se da escrita satírica dos falsos tratados, que se utiliza do pé de página para ridicularizar uma erudição vazia e alienadora. Uma transformação da noção de autoridade permitiu a Jonathan Swift e Christian Wernicke que lidassem com a escrita infrapaginal de uma maneira totalmente diferente, na qual se multiplicam os apelos aos leitores e os autores se colocam nas margens de suas ficções, sem precisar delegar sua palavra a uma entidade narrativa inventada. Com isso torna-se evidente que, no período das Luzes, a nota com frequência representou um espaço heterodoxo e até mesmo subversivo, pois ela era aliada da reflexão e questionadora da tradição. Sem dúvida, como mencionado acima, a crise da autoridade já havia começado na renascença, mas foi somente no século XVIII época que ela pode realmente ser solapada. A autoridade outrora ligada à anotação entra definitivamente em crise e a sátira da erudição estéril torna-se comum. Em Swift e Wernicke, Pope, Voltaire, Wieland ou Nerciat, as citações apócrifas e presença de personagens reais, históricos ou fabulados começam a habitar a zona da página antes reservada à explicitação de uma relação autêntica com a tradição cultural. Isso significa que uma tensão pode surgir entre a nota e o corpo do texto, uma dissonância da qual se alimentará muito da ficção por vir. Um exemplo precoce e radical

disso, um precursor de desenvolvimentos posteriores, merece ser mencionado. Trata-se do “Noten ohne Text” [Notas sem Texto] (1745), de Gottlieb Wilhelm Rabener, que leva ao absurdo a prática da crítica notular. As notas emancipam-se de seu suporte textual para se transformarem em um fim em si mesmo. O texto comentado, que, na *Dunciad* de Pope, ainda possuía uma existência real, tem forma aqui tão-somente como *intens ser lemmatisée*, como por exemplo “O Muses aidez-moi”; ou seja, os fragmentos são privados de um sentido global, servindo somente de pretexto a glosas grotescas, falsamente filológicas.

Ao analisar o uso que Sade e Rousseau fazem das notas infrapaginais, Pfersmann identifica o surgimento, no século XVIII, de uma nova consciência e representação da autoria. O homem de letras faz uso da anotação para deixar transparecer o peso de sua assinatura e chamar a atenção para a originalidade de seus escritos, um pressuposto necessário para o posterior endeusamento do gênio criador no romantismo. Em conjunção com isso, as notas deixam entrever a preocupação dos autores vis-à-vis o público leitor. Através delas, procuram antecipar suas reações, reagir a críticas reais ou potenciais e direcionar a leitura. As notas permitem identificar, com isso, a formação de uma esfera pública impessoal, um novo tipo de sociabilidade na República das Letras. É com isso que Pfersmann confirma que a escrita infrapaginal no século XVIII prestava-se como um veículo do Esclarecimento:

Como contravoz incomfortable, algo que impertinente põe em questão a leitura, jogo subversivo com a autoridade da tradição, metacrítica astuciosa da ficção, ironia da ficção ou romântica, como discussão dos códigos estéticos e tentativa de sua redefinição, em suma, como lugar privilegiado da reflexão no romance e operador de sua enigmaticidade, as notas constituem um espaço estratégico da *Aufklärung*. (2011, p. 289)

No século XIX o declínio da escrita notular é sensível. A consolidação de uma visão da ficção como reino à parte, que estava vigente ainda em Thomas Mann, reivindicava uma concepção total da página, que deveria estar desprovida de divisões problematizadoras. Houve, no entanto, um gênero típico do período que não podia prescindir das notas, e que Pfersmann discute com abrangência: o romance histórico. Ele será retomado no final do livro, no romance de contra-história de Roa Bastos e Patrick Chamoiseau, obras que tendem ao épico e que, “evocando o destino de um povo ou de uma minoria [...] perseguem um tal objetivo subversivo em relação a uma tradição escrita dominante” (2011 p. 431). É nessa parte do livro que fica mais evidente uma proeza notável de Pfersmann, pois enquanto trata de questões inerentemente literárias, aponta para questões políticas mais amplas na quais estão imbricadas as notas. Enquanto isso, *Séditions Infrapaginales* estuda a gênese de um gênero particular de história anotada, o *Professorenroman*, um tipo de ficção feita por eruditos visando estritamente a seus pares, uma elite letrada, ou a um público leitor mais amplo. Trata-se de um tipo de narrativa que mobiliza um saber arqueológico para a fabulação inventada. Mas se o enredo aqui pode ser um pretexto para o virtuosismo infrapaginal, o contrário se dá no romance histórico propriamente dito. Ainda que não possa prescindir da anotação, que sinaliza a historicidade do narrado, ele não mostra as notas sem o receio de que a documentação histórica possa equivaler a descortinar a “maquinaria interna” (Scott) da história, “as equipes e as polias” (Hugo) por detrás da ação.

No século XX, a escrita notular passa por um renascimento, a começar pela invenção de um novo gênero, que Pfersmann chama de “roman phologique”: “ficções narrativas

fundadas sobre o *topos* do manuscrito encontrado, *que se apresentam sob a forma de uma falsa edição crítica, erudita ou simplesmente culta de um grupo de obras de um autor imaginário*” (2011, p. 352, grifos do autor). Os exemplos são vários e vão desde *Pale Fire* (1962), de Nabokov, passando por *L’Apprentissage du Roman* (1993), de Jean-Benoît Puech, até *House of Leaves* (2000), de Mark Z. Danielewski. Para este gênero, as notas de pé de página são constitutivas e seria errôneo considerá-las como simplesmente um paratexto. Diferentemente da anotação paródica de Swift ou Pope, a ênfase maior recai sobre o hiato entre o autor do texto e seu editor, uma relação que pode ser revestida das mais variadas significações. O romance filológico propõe algo valioso ao sugerir que o interesse de um texto está menos naquilo que contém como fabulação imaginativa, do que em seu potencial para ser manipulado por uma outra fala ou escrita. Em *House of Leaves*, essa maleabilidade atinge o paroxismo, quando a questão de como dispor as palavras na página assume preponderância. Sem dúvida, para a tradição da poesia concreta isso é algo de banal; no entanto, aqui não se abre mão da narratividade e se para a lírica concreta o poema recebia um grau intenso de coisidade, em *House of Leaves* é o livro como um todo que passa a se mostrar como um objeto em toda a sua materialidade.

E é tal materialidade que vem ao primeiro plano em vários dos outros casos de anotação na literatura contemporânea estudados por Pfersmann. Cinco deles serão importantes aqui: em *L’Eruption du Krakatoa* (1969), de Simone Jacquemard, as notas tornam-se mais do que independentes, pois passam a rivalizar com o corpo do texto quanto a seu peso e valor; *La Reprise* (2001), de Alain Robbe-Grillet, vai além, porque neste caso elas não apenas desdobram-se em páginas, mas podem ocupar qualquer espaço do papel; *Travers* (1978), de Renaud Camus, exacerba ainda mais isso, quando uma nota marca outra até o sexto grau, com uma divisão da página impressa em quatro ou cinco níveis distintos de anotação, cada um separado do outro por um traço. O oposto disso é proposto por *L’Interdit*, de Gérard Wajcman, no qual existem apenas as notas infrapaginais, aquilo que seria o corpo do texto tendo sido apagado pela página em branco. É a partir delas que o leitor deve reconstruir a história ausente. Note-se, por fim, o caso que talvez seja o mais interessante, *La Caverne des idées* (2000), de José Carlos Somoza, no qual a tensão entre rodapé e texto é ela mesma tematizada. Ocorre aqui uma metalepse no sentido dado por Genette ao termo, uma vez que um personagem passa a se perceber como tal e consegue adentrar o pé de página. Por meio desse recurso, desse desrespeito aos níveis narrativos, a nota mostra que é capaz de fazer surgir uma performatividade da escrita, algo como uma autoconsciência da página.<sup>1</sup> Várias conclusões podem ser tiradas das obras comentadas até aqui, dentre as quais valeria mencionar ao menos três: a. que a história das notas de rodapé está entrelaçada com a do Iluminismo em sentido estrito e com o desencantamento da linguagem em geral; b. que ela projeta uma história literária própria, com suas obras-primas determinadas, uma tradição específica com continuidades notáveis; c. que ela está estreitamente ligada às vanguardas e à crise geral da literatura.

Para suplementar o livro de Pfersmann vale a pena chamar a atenção para dois outros, que, além de estenderem o âmbito da investigação notular, mostram o quanto o trabalho em conjunto têm alimentado a pesquisa. Em junho de 2006, foi organizado em Erfurt, Alemanha, um encontro chamado “Am Rande bemerkt – Anmerkungspraktiken in literarischen Texten”, e o resultado das apresentações foi publicado em 2008 pela editora Kadmos, editado por Bernhard Metz e Sabine Zubarik, que em 2011 promoveram um

<sup>1</sup> Como estou fazendo agora.

outro encontro, *Den Rahmen Sprengen*, cujos trabalhos foram publicados neste ano pela mesma editora. Vários dos ensaios nesses livros tratam de temas e autores a esta altura já clássicos da bibliografia notular; outros tantos investigam utilizações específicas das notas, como em falsificações literárias reais (em James Macpherson e Thomas Chatterton) ou ficcionais (Percy e Borges), e em manipulações ideológicas, como no romance *bestseller* anti-semita de Artur Dinter, *Die Sünde wider das Blut* (1917). A expansão da pesquisa notular leva-a para âmbitos os mais diversos, como a questão técnica da sistematização das citações de notas em notas (em ainda outras notas?); em seguida, percebe-se a presença da escrita peritextual nos mais distintos gêneros discursivos, como o teatro, a tradução, a autobiografia, a ficção e a *fantasy novel*, mas também a filosofia de Derrida, que

[j]ustamente por meio das notas de rodapé faz surgir [...] a lembrança radical daquilo que está ausente, que precisamente por sua forma as notas apontam como aquilo que não poderia estar presente como tal: a unidade material do livro, o espelhamento das frases, sua organização em colunas, em suma, o (praticamente) incitável. (BOTHE, 2008, p. 369)

É a partir dessa evidenciação da materialidade do livro e de elementos de incitabilidade da escrita, dos quais a nota mostrou-se o caso mais contundente, que é possível refletir, como fazem alguns ensaios das coletâneas, sobre características da escrita infrapaginal no corpo do texto, como no caso do travessão e dos parênteses. É como se fossem notas exteriores no *interior* da página. Caso se aceite que, tanto na anotação infrapaginal, quanto nas observações laterais inseridas em travessões e parênteses, há em jogo descontinuidades textuais, seria difícil imaginar obras sem dispositivos notulares, porque a linearidade pressuposta aqui seria praticamente impossível. De um só golpe, portanto, essas marcas textuais, aparentemente meras engrenagens na maquinaria da escrita, convertem-se em instrumentos de uma heterogeneidade composicional que não mais se deixa tematizar, traduzir ou citar.

O ponto a que se chega é de fato inesperado: de uma preocupação inicial com as notas de rodapé e suas diversas funções na história da literatura acaba-se com uma caracterização da página que se aproxima do hipertexto, tema de uma das contribuições de *Am Rande Bemerkt*. Se por um lado existe uma semelhança midiática entre os dois, na medida em que ambos podem ser chamados de “multicursais”, por outro, a ubiquidade da referenciação no hipertexto o diferenciaria das notas, que ofereceriam somente um momento de multicursal em um texto de outra forma unicursal. Sem dúvida, seria possível criticar a valorização implícita do hipertexto aqui, mostrando que esse momento de unicursalidade é qualitativamente mais rico do que a variedade quase infinita da rede; o importante, porém, é observar que a comparação dos meios por si só já faz surgir, de novo, a noção do texto como “campo”, no qual descontinuidades, i.e., digressões e remissões, são vistas como comuns à página e ao hipertexto.

Um último passo antes do fim: muitos textos reforçam a afinidade eletiva entre anotação e o experimentalismo em obras de vanguarda: *An Anecdoted Topography of Chance* (1995), de Daniel Spoerri; *Die unendlich Sackgasse* (1998), de Dmitrij Galkovskij; *Brief Interviews with Hideous Men* (1999) e *Oblivion* (2004), de David Foster Wallace; *VAS: An Opera in Flatland* (2002), de Steve Tomasula; e *Special Topics in Calamity Physics* (2006), de Marisha Pessl. Essa é uma literatura que talvez já não seja mais frutiferamente entendida como tal, ou seja, como literatura em seu sentido tradicional.

Por causa da crescente exploração de elementos visuais, da disposição das letras – agora tão próximas de desenhos ou imagens – na página, é possível pensá-las como objetos híbridos, de transição entre a literatura e as artes plásticas ou o *design*.

Com isso, a anotação explode agora os limites da literatura. No minimalismo moscovita dos anos 70-80, as inscrições em quadros (Viktor Pivovarov) mimetizam e denunciam nas obras a própria posição social *marginal* do movimento e a poesia em ficheiros (Lev Rubinštejn) faz do ato da remissão algo mais constitutivo do objeto do que seu próprio conteúdo. O mesmo acontece com as notas da lírica de Vsevolod Nekrasov, que deixam de se referir ao texto propriamente dito para sinalizar seu contexto de produção e recepção. No cinema mudo, as mensagens interpoladas, de um narrador ou sob a forma de diálogo, podem ser pensadas como notas à ação, e na era dos DVDs o modo comentário, no qual o diretor tergiversa sobre a narrativa à medida que ela acontece, faz lembrar o aparato de uma edição crítica em literatura. Nesse contexto, a anotação aparenta ser um recurso para qualquer forma de linguagem e torna-se difícil imaginar um âmbito cultural no qual não pudesse estar presente.

Haveria ainda outros exemplos que poderiam ter sido mencionados, como uma exposição de Charles Gute, *Revisions and Queries*, ou *C'est Gradiva qui vous appelle*, de Robbe-Grillet; no entanto, o exposto até aqui deve ser suficiente para demonstrar que a bibliografia recente sobre o aparato paratextual, em particular as notas infrapaginais, possui um interesse para além de questões filológico-literárias. Ela não promove simplesmente uma inversão, ao mostrar que o marginal é de fato fundamental, e que poderia até mesmo ser sua condição de existência. Mais do que isso: após entrar em contato com tantas variações, tantas relações possíveis entre o corpo do texto e o rodapé, é tentador converter toda essa pluralidade em um princípio formal de potencialidade. É como se a página em branco, em seu mutismo, apontasse eloquentemente para tudo aquilo que se poderia fazer com ela ao dividi-la em dois – ou, quem sabe, no futuro, em quatro. Não mais uma matéria inerte, a página impressa transforma-se assim em uma superfície de virtualidade. É tentador imaginar que essa nova atenção aos marcadores textuais seria improvável sem o desenvolvimento da informática, que a tela do computador estaria afetando, indireta e inconscientemente, a concepção de nosso tempo daquilo que se entende como uma página; seja como for, após confrontar-se com essa bibliografia sobre as notas, o leitor, tal qual o personagem de Kafka, perde a esperança de encontrar o lugar de onde saiu, pois a página nunca mais será a mesma. Eis aí o efeito das notas.

## REFERÊNCIAS

ARNOULD, Jean-Claude; POULOUIN, Claudine (Orgs.). *Notes. Études sur l'annotation en littérature*. Mont Saint-Aignan: PUR, 2008.

BERNAYS, Michael. Zur Lehre von den Citaten und Noten (1892). In: \_\_\_\_\_. *Schriften zur Kritik und Literaturgeschichte*, t. 4. Aus dem Nachlaß herausgegeben von Georg Witkowski. Berlin: B. Behr, 1899. p. 255-347.

BOTHE, Thorsten. *Am Rande Bemerkt, Anmerkungspraktiken in literarischen Texten*. Berlin: Kadmos, 2008.

COMPAGNON, Antoine. *La Seconde main ou le travail de La citation*. Paris: Seuil, 1979.

DÜRRENMATT, Jacques (Org.). *Littérature classiques n 64 (printemps 2008)*: La note d'autorité. Aperçus historique (XVIe-XVIIIe s.). Toulouse: Editora da Université de Toulouse-Le Mirail, 2008.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.

GRAFTON, Anthony. *Les Origines tragiques de l'érudition*: Une histoire de La note de bas de Page. Paris: Seuil, 1998.

METZ, Bernhard; ZUBARIK, Sabine (Orgs.). *Am Rande bemerkt. Anmerkungspraktiken in literarischen Texten*. Berlin: Kadmos, 2008.

\_\_\_\_\_. (Orgs.) *Den Rahmen sprengen. Anmerkungspraktiken in Literatur, Kunst und Film*. Berlin: Kadmos, 2012.

PFERSMANN, Andréas. *Séditions infrapaginales: poétique historique de l'annotation littéraire (XVIIe-XXIe siècles)*. Genève: Droz, 2011.